

Mônica Gomes da Silva (UFRB).¹

Resumo: A *Revista Acadêmica*, publicação crítico-literária editada pelo jornalista carioca Murilo Miranda, dedicou um espaço significativo à denúncia contra o antissemitismo que grassava na Europa através da ascensão do nazismo, bem como suas repercussões no Brasil. Entre os vários intelectuais que colaboraram com a revista, destaca-se o pintor russo Lasar Segall. De origem judaica, nascido no território correspondente, hoje, à Lituânia, o artista participou, ativamente, com textos e pinturas que se reportam à perseguição, ao genocídio, à diáspora e ao exílio dos judeus durante a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945). Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar a campanha antinazista empreendida pelo periódico. Pretende-se, em paralelo à trajetória de Lasar Segall e dos textos e obras de arte analisados, recuperar as representações diaspóricas e exílicas judaicas nas páginas da *Revista Acadêmica*.

Palavras-chave: diáspora; exílio; Lasar Segall; Murilo Miranda; *Revista Acadêmica*.

Introdução

A *Revista Acadêmica* (RA) foi uma publicação crítico-literária editada, entre 1933 e 1948, na cidade do Rio de Janeiro. Nascida no meio universitário, a revista foi uma iniciativa de estudantes do Curso de Direito da Faculdade Nacional, aos quais se juntaram, mais tarde, estudantes do Curso de Medicina. Nas recordações sobre a publicação, ressalta-se a juventude dos “rapazes” que irão mobilizar diferentes gerações na elaboração do periódico. O grupo que se “reunia na Taberna da Glória, na Brahma e em alguns bares da Lapa” (MIRANDA, 1981, p. 6) discutia, entusiasticamente, sobre os acontecimentos — literários, políticos, culturais, sociais — que agitavam os tensos dias pós-revolução de 1930 e durante a Segunda Mundial.

Ao lado de Murilo Miranda e Moacir Werneck de Castro, principais editores da revista, foram integrantes do “grupo da Taberna da Glória” os jovens acadêmicos Carlos Lacerda, Lúcio Rangel, Dante Viggiani e Otávio Dias Leite que aparecem imbuídos do engajamento que seria exigido de todo intelectual naquele momento, fosse à esquerda ou à direita do espectro político (VELASQUES, 2000).

Contudo, a revista tem, entre seus principais participantes, o escritor paulistano Mário de Andrade que frisa a diferença da sua “geração imediatamente pós-parnasiana, ou antes, pós-simbolista” com a nova geração “bem mais marcada pelos problemas do mundo” (ANDRADE, 1981, p. 14). O grupo da Taberna da Glória será essencial durante a passagem de Mário de Andrade no Rio de Janeiro, um dos poucos pontos positivos de seu “exílio”

¹ Professora Adjunta de Literatura Brasileira no Centro de Formação de Professores Amargosa-BA. E-mail: mgs@ufrb.edu.br

carioca (CÂMARA, 2004). É notável a admiração dos “moços do Rio” com o escritor paulistano.

Ao mesmo tempo em que havia um engajamento político atuante e combativo, os jovens intelectuais também demonstravam interesse pelas artes de vanguarda, desenvolvendo uma linha editorial moderna: “Assim, *Revista Acadêmica* era ‘Acadêmica’ porque surgida do meio acadêmico estudantil, mas foi moderna em toda sua essência de revista participante, atuante e incansável na busca pela liberdade artística e social.” (RIBEIRO, 1989, p. 183).

Laura Ribeiro estabelece três fases da publicação, conforme o amadurecimento dos seus integrantes, mas também a relação destes com os acontecimentos extremos das décadas de 1930 e 1940. A primeira fase, denominada de “Atuação Universitária” (1933-1934), “foi o período correspondente à sua circulação no meio universitário, no qual surgiu e para o qual destinava-se, com suas matérias de interesse estudantil e literário”. (RIBEIRO, 1989, p. 5). A segunda fase é marcada pelos “Anos de luta” (1935-1938) quando:

a Revista já não é mais um órgão estudantil. Amplia seu público leitor, declinando sua linha editorial em direção à crítica social, engajando-se na luta pelo fim dos governos autoritários, pronunciando-se contra a infiltração do fascismo em nossa sociedade e em favor da paz mundial. (RIBEIRO, 1989, p. 5).

Segundo Laura Ribeiro, sobretudo na sua segunda fase, a RA foi “movida pela força da indignação, pelo seu caráter pacifista, denunciadora dos horrores provocados pelos governos despóticos” (RIBEIRO, 1989, p. 170). Nesse sentido, a equipe editorial e os colaboradores criticaram e denunciaram a escalada nazifascista na Europa e na América Latina, as atrocidades da Guerra Civil da Espanha e a ditadura do Estado Novo.

A última fase, “Anos de Resistência” (1939 e 1948), há um incremento da divulgação da arte moderna como forma de enfrentamento à censura editorial. Por outro lado, num momento hostil às obras de vanguarda — que foram denunciadas, proibidas e censuradas como “degeneradas” — a revista atuou a favor da renovação artística:

Desta forma, divulgando a arte moderna, questionando-a, esclarecendo-a e utilizando-a como propagadora de uma postura política, a *Revista Acadêmica* exerceria um papel dos mais relevantes para a difusão de novos padrões estéticos em nosso universo cultural. Sendo aberta e democrática, numa época de repressão e preconceitos artísticos, a *Revista* se revelou audaciosa, inovadora, irreverente, jovem e atualizada. (RIBEIRO, 1989, p. 5).

Dentre os princípios que formavam a linha editorial da RA, destaca-se o forte rechaço ao racismo. Os artigos, os ensaios e as notas editoriais se alinham com as pautas progressistas daquele período, especialmente, aquelas que colocavam em questão o conceito “científico” de

raça. Assim, discute-se a situação do negro no Brasil e as consequências do regime escravocrata; o antissemitismo na Alemanha e as suas repercussões nos regimes totalitários que se alastravam na Europa e na América Latina.

Em 1938, a *Revista Acadêmica* foi uma das primeiras publicações brasileiras a mencionar a existência dos campos de concentração, conforme depoimento de Moacir Werneck de Castro (*in*: VELASQUES, 2000, p. 154). Pode-se acompanhar o intenso debate, nas páginas da publicação, sobre o problemático conceito de raça e as consequências trágicas do racismo durante a Segunda Guerra Mundial.

A partir da prospecção nos arquivos da RA e da correspondência de Murilo Miranda provenientes, respectivamente, da Coleção Plínio Doyle e do Acervo Murilo Miranda na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), fazemos um levantamento, em caráter parcial ², sobre a campanha antinazista promovida pela publicação e a representação da diáspora e do exílio judaicos com a eclosão da guerra em conjunto com a colaboração de Lasar Segall na *Revista Acadêmica*, tanto com obras publicadas, como membro do corpo editorial da revista, conforme atesta a correspondência com Murilo Miranda.

Representações da diáspora e do exílio judaicos na *Revista Acadêmica*

Sobre a campanha antinazista, o depoimento de Yeda Braga Miranda (*apud* RIBEIRO, 1989, p. 311) recorda o reconhecimento e o apoio recebido pelos jovens acadêmicos pela comunidade judaica no Rio de Janeiro:

Primeiro, como era de estudantes, as pessoas sempre tiveram simpatia por estudantes, e depois mais tarde isso continuou por causa justamente do período. Começou o nazismo e Murilo procurava os judeus que tinham um grande comércio no Rio de Janeiro. Eles sabiam que a revista era contra aquele movimento e era uma maneira também de ajudar os estudantes que estavam fazendo uma publicação defendendo a causa deles. Murilo teve muitos amigos nesse meio. Esses comerciantes ficavam amigos dele. Eu mesma conheci vários deles.

É possível constatar a importância da pauta, a sua repercussão junto aos diferentes públicos leitores da revista, que ia além dos segmentos acadêmicos e literários, o atendimento e diálogo sobre as suas demandas e a forma que a revista circulava e era produzida. A primeira menção à ascensão do nazismo aparece no segundo número da publicação e a

² O conjunto das revistas se encontra organizado em cinco tomos e possui cinquenta e oito do total de setenta números publicados. Não fazem parte da coleção os seguintes números: n. 21 (08/1936); n. 22 (09/1936); n. 24 (12/1936); n. 25 (01/1937); n. 26 (03/1937); n. 30 (09/1937); n. 31 (10/1937); n. 33 (01/1938); n. 34 (04/1938); n. 43 (04/1939); n. 59 (01/1942) e n. 60 (05/1942).

frequência do tema se intensifica na segunda e terceira fases, quando há a preocupação sobre a iminência de um conflito até a eclosão da Segunda Guerra Mundial e o movimento de reconstrução do pós-guerra. Abaixo estão listados os números da publicação que fazem menção ao nazismo e à questão judaica:

Tabela 1

Fase de Publicação	Números da RA
1ª Fase	N. 2 (10/1933), N. 3 (12/1933).
2ª Fase	N. 7 (c./1934), N. 12 (07/1935), N. 13 (08/1935), N. 16 (01/1936), N. 35 (05/1938), N. 36 (06/1938), N. 37 (07/1938), N. 38 (08/1938), N. 39 (09/1938), N. 40 (10/1938); N. 41 (12/1938).
3ª Fase	N. 42 (02/1939), N. 45 (08/1939), N. 44 (06/1939), N. 48 (02/1940), N. 63 (05/1943), N. 64 (06/1944) e N. 68 (07/1947).

Os textos da primeira fase — dois artigos — mostram as dúvidas e as apreensões a respeito das atitudes de Adolf Hitler perante as sanções impostas à Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. O *Führer* aparece como uma incógnita e se acredita na negociação para minorar as consequências da “humilhação alemã”. O artigo “Hitler” de Alceu Marinho Rego³ (1933, [p. 5]) ocupa uma página completa do segundo número da revista e faz uma avaliação da figura do líder que será “para as futuras gerações exemplo de tenacidade e força.” No que diz respeito ao início do Terceiro Reich, o escritor, com o artigo “A atitude alemã” (N. 3), reafirma que o risco de uma nova guerra é a consequência da “ação envenenada pelas grandes potências” (REGO, 1933, [p. 12]) e critica a retirada da Alemanha da Liga das Nações: “Como represália à subida de Hitler ao poder, recusaram à Alemanha uma pequena concessão já feita, a de figurar de igual para igual no círculo internacional de judeus chamado Liga das Nações.” (REGO, 1934, [p. 11]).

O preconceito do articulista, em uma atitude reacionária e extremada, não se coaduna à postura editorial da publicação que condena os rumos da Alemanha, em artigos contra uma nova corrida armamentista denunciada, no número três, em artigo de Abdon Decache. A pedido de Murilo, o assunto retorna no número quatro ao falar dos “*dénouements*” da Liga das Nações.

³ O jornalista pernambucano (01/04/1912-31/07/1955) foi um dos fundadores da Esquerda Democrática, em 1945, e, dois anos depois, comparece entre os fundadores do Partido Socialista Brasileiro, com o qual concorreu ao cargo de vereador no Distrito Federal. Foi um dos diretores da Associação Brasileira de Escritores e um dos líderes dos congressos de 1945 e 1948. Atuação e publicações: crítico literário, *Nabuco*; dramaturgo, *Revolta do Recife*, *Clientes do Diabo*, *A fronteira Del Rei*; e romancista, *Véspera de Deus*.

Paulatinamente, aparecem os textos que denunciam os riscos da retórica nazifascista e saem de cena as tergiversações sobre a responsabilidade da Liga das Nações e a inevitável “atitude alemã” na escalada de um novo conflito armado. Intelectuais como Romain Rolland e Arnold Zweig⁴ fazem um chamado à paz e tratam das consequências funestas do nacionalismo xenófobo e do antissemitismo. No número 16 (01/1936), o artigo “Evocação de Victor Hugo” de Arnold Zweig e a nota “A tragédia semita na Alemanha, seu significado” de Heinrich Mann denunciam a perseguição aos judeus na Alemanha. No artigo de Zweig (1936, p. 10-11) é feita uma homenagem a Mann, cujo “nacionalismo profético”

se elevou trovejante contra o kaiserianismo [*sic*], contra os sociais-democratas, contra os negociatas da política, contra a marcha cega dos que buscavam sua libertação por caminhos errados. [...] Este era seu nacionalismo, um nacionalismo que devemos chamar profético e que desmascarou aquele outro banal e cansado que falava da invasão e da cultura em perigo; é impossível esquecer a nobreza de sua palavra combatendo estas errôneas e estéreis posturas durante a guerra.

A política nazista, responsável pela atmosfera de medo e perseguição ao povo judeu a título de combate ao perigo às bases do “espírito alemão”, o *deutschtum*, poderia ser combatida pela tarefa intelectual que triunfaria sobre a violência, na concepção pacifista de Zweig (1936, p. 11): “Mas a própria história nos oferece exemplos que permitem abrigar a esperança: no fim das contas não é a espada que diz a última palavra; pronuncia-a o espírito, sustenta-a a ideia...”. Em contrapartida, o texto de Mann, aponta os aspectos econômicos que promoviam a marginalização dos judeus dentro da Alemanha, o interesse da indústria bélica e a indução a uma corrida armamentista:

Hitler persegue os judeus porque é preciso que exista um espantalho para explorar a boa-fé do mundo e o meio milhão que vive na Alemanha representa uma minoria insignificante, cuja total eliminação não afetaria a sorte dos alemães de nenhum modo.

Os dirigentes da Alemanha são tão covardes que proclamam os indefesos como a maior ameaça e os perseguem como se realmente constituíssem uma fonte de perigos.

E as nações mais poderosas nada têm feito para impedir as crueldades perpetradas na Alemanha porque só tem em conta o negócio. Hitler compra-lhes material bélico, que não paga. Mas a consequência destes preparativos guerreiros é que as demais nações se veem impelidas a comprar também e estas pagam.

Desta forma, Hitler não é senão um agente internacional de fabricantes de armamentos. Para lograr seu objeto, faz chicanas nacionalistas e fraudes raciais. (MANN, 1936, p. 12).

⁴ O romancista alemão (1887-1968), de origem judaica, combateu durante a Primeira Guerra Mundial, o que o levaria a se engajar a favor da paz, um tema presente em muitas das suas obras e de sua atuação intelectual. Durante a Segunda Guerra Mundial, emigra da Alemanha e se estabelece na Palestina, retornando em 1948. Uma de suas obras mais célebres, *Insultado y exiliado* (1934) trata do judaísmo e da perseguição aos judeus. (Cf. FERNÁNDEZ; TAMARO, 2004).

Naquele momento, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) não deixou margens para dúvidas sobre o governo totalitário na Alemanha e o plano de expansão do Terceiro *Reich*, aliado a Benito Mussolini, financiando o massacre da Espanha Republicana. A revista intensificou a campanha antinazista e os textos se tornam mais enfáticos diante das evidências de uma Europa em rota de colapso.

Nessa fase da RA, são publicadas as notícias sobre os campos de concentração, registrando as condições desumanas dos prisioneiros em Buchenwald⁵ e Dachau⁶. No número trinta e seis (06/1938), a notícia sobre o *Anschluss*, isto é, o primeiro ato expansionista do governo alemão, que anexou o território da Áustria, num ataque ao país entre 11 e 13 de março 1938, traz, também, a primeira denúncia sobre os campos de concentração. O suelto “Depois do ‘*Anschluss*’ – Ludwig no campo de concentração de Dachau”, a violência da “indesejável fraternidade” que exige a declaração dos bens dos cidadãos sob a ameaça de pesadas multas; o confisco inclui até mesmo os alimentos, os camponeses devem fornecer a manteiga que produzem para o exército alemão e devem consumir margarina, as reações negativas redundam em prisão. As punições se estendem aos ocupantes de cargos políticos que se opõem ao nacional-socialismo e que podem chegar ao ponto de deportação para o campo de concentração:

Os novos dominadores descobrem castigos interessantes para os seus antigos adversários e atuais vítimas. O coronel Adam, por exemplo, ex-chefe de Propaganda da Frente Patriótica chefiada por Schusnig. Esse homem foi destinado a limpar ruas e lavar carros oficiais. Depois promoveram-no a *boy* de escritório. Um dia, quando lavava as janelas de um quinto andar, o coronel Adam perdeu o equilíbrio e esborrachou-se contra a calçada.

O sr. Ludwig, outro político em evidência quando a Áustria era independente, é agora “faxina” no campo de concentração de Dachau.

O mundo assiste impassível. Talvez o mundo pense, com razão, que isso não é nada: o pior é o que não se sabe, o que não vem a público. (REVISTA ACADÊMICA, 1938, [p. 15]).

A notícia de dezembro de 1938 (RA, N. 41), “Campo de Concentração”, reporta as condições do campo de Buchenwald: os trabalhos forçados, a fome, as doenças causadas pela insalubridade e as mortes por inanição. Destaca-se a ironia macabra de o campo estar próximo de Weimar, cidade escolhida por Goethe para viver, sede da democracia constitucional alemã

⁵ Buchenwald, um dos maiores campos de concentração foi criado em 1937, localizava-se na região setentrional de Ettersberg, a cerca de 8 quilômetros de Weimar. Campo que confinou, também, prisioneiros políticos, ciganos roma e sinti, Testemunhas de Jeová, desertores do exército alemão e “desocupados”. Estima-se o assassinato de 56.000 detentos do sexo masculino, sendo que 11.000 eram judeus. (Cf. *Enciclopédia do Holocausto*).

⁶ Dachau, primeiro campo de concentração criado pelos nazistas em 1933, nas instalações de uma antiga fábrica de munição localizada na parte nordeste da cidade de Dachau, a cerca de 16 quilômetros ao noroeste de Munique, no sul da Alemanha. O campo foi marcado pelo trabalho escravo, as experiências médicas e como ponto de convergência das “marchas da morte”. Entre 1933 e 1945, foram encarceradas cerca de 200.000 pessoas e se estima que cerca de 40.000 morreram em Dachau. (Cf. *Enciclopédia do Holocausto*).

que seria solapada pelo regime nazista. É descrito o cotidiano dos prisioneiros, o tratamento desigual em relação aos judeus e a prisão compulsória dos “desempregados”:

A alimentação consiste no seguinte: pela manhã, um quarto de litro de café *ersatz* (artificial); ao meio-dia, um litro de sopa, (os judeus só ganham meio litro); ao anoitecer, 250 grs. de pão com margarina (manteiga fabricada por processos químicos). Com esse tratamento, calcule-se como é magnífica a saúde dos presos e como são raras as mortes por inanição.

Há uma classe especial de prisioneiros, os “*Arbeitscheu*”, ou “refratários ao trabalho”. São os desempregados que se recusaram a fazer parte dos campos de trabalho onde a semana é de 90 horas, com um salário miserável e tarefas duríssimas.

Referindo-se ao campo de Buchenwald, diz um jornal francês: “é a glória da Alemanha nazista em matéria de campo de concentração, e a vergonha da humanidade em matéria de civilização”. (REVISTA ACADÊMICA, 1938, [p. 7]).

Durante esse período, são relatados os primeiros movimentos diaspóricos, a exemplo, do exílio de Sigmund Freud, conforme aparece na notícia de sua passagem por Paris (N. 37, 07/1938), e a fuga de intelectuais da Alemanha. São publicados artigos sobre a condição errante do povo judaico: “Os judeus entre as nações” de Jacques Maritain (N. 35, 05/1938 - N. 36, 06/1938) e “A questão judaica” de Alberto Gerchunov (N. 40, 10/1938). É a fase com o maior número de notícias/notas (11) e artigos (18) relacionados ao antissemitismo, contudo, ainda há uma presença significativa do tema na última fase da RA, sobretudo se pensarmos na participação de Lasar Segall. O pintor não só colabora no conselho editorial da revista, escrevendo textos sobre arte moderna, como retrata, de modo inigualável, através das suas pinturas e desenhos, a tragédia que produz a diáspora e o exílio judaicos.

A capa da RA de maio de 1943 (N. 63) é ilustrada pelo quadro *Navio de emigrantes* e apresenta o artigo “Arte e Política” de Lasar Segall. O número é publicado após a campanha difamatória que o artista sofreu por um segmento reacionário da crítica. Entre maio e junho de 1943, vários artigos, muitos anônimos, atacaram a exposição de retrospectiva da obra de Lasar Segall no Museu Nacional de Belas Artes (CAIRES, 2018). Os juízos sobre a “arte degenerada” e “monstruosa” se somavam a ofensas antissemitas ao pintor. Assim, o número da RA, é um dos espaços contrários aos ataques perpetrados a Segall que analisa o preconceito, estético e racista, que está na base do pensamento dos “círculos artísticos reacionários”, cuja crítica

interessa tão pouco, hoje em dia, como interessa a sua própria arte. No entanto, o caso muda de figura quando esses ataques assumem uma feição política, sobretudo no momento atual. Aqui, já é visto, trata-se de reacionários de outro quilate. O Brasil e todas as suas forças materiais e espirituais se acham empenhadas ao lado das Nações Unidas na luta contra as forças da barbárie, destruição e retrocesso, desencadeadas em escala nunca vista contra o mundo. Quando, num momento como este, tentam incentivar preconceitos raciais e étnicos, fomentar ódios, lançar a

discórdia e a confusão e sob o pretexto da crítica adotam a terminologia de propaganda das nações do Eixo e aplicam em sentido injurioso a um artista e à sua produção os rótulos de “russo”, “judeu”, “arte degenerada” etc., não pode haver dúvida quanto aos verdadeiros sentimentos políticos que animam os autores de tais “críticas de arte” e de onde o vento sopra. (SEGALL, 1943, [p. 1]).

O número seguinte, de junho de 1944, dedica artigos e ensaios à obra de Lasar Segall, um dos artistas homenageados pela revista. No grande retrospecto da obra, destaca-se a série de quadros sobre a diáspora e do exílio judaicos durante a Segunda Guerra Mundial. São reproduzidos os seguintes quadros: *Máscaras*, *Guerra*, *Pogrom* e *Navio de Emigrantes*.

Nas palavras de Stefan Zweig, *Navio de Emigrantes* realiza “uma síntese realmente visionária da miséria contemporânea.” (1944, p. 39). O *Pogrom* retrata as vítimas dos massacres nos guetos e a brutalidade com as crianças: “E agora venham ver as crianças mortas do pogrom, que se dobraram como pássaros mortos na tempestade. Foram de repente ‘interrompidas’ e seu gesto ainda não se consumara, ainda não era uma coisa acabada e sutil.” (FILHO, 1944, p. 55).

Em conjunto, as obras formam uma narrativa da tragédia humanitária sofrida pelo povo judeu: as máscaras que caem e revelam o plano de extermínio; o confinamento nos guetos; as batalhas e os massacres; a tentativa de fuga nos navios lotados e sem certeza de aportar. Lasar Segall analisa os

Motivos ancestrais, uma formação cultural e psicológica livre de preconceitos conservadores, uma tendência para a expressão mais profunda da vida — isto explicará, talvez, a escolha dos assuntos, o seu tratamento no sentido humano, na valorização do homem, pela narrativa épica ou dramatizada de suas dores, de seus sofrimentos, de suas lutas e angústias, pela sua superação... São os motivos do *Pogrom*, dos *Emigrantes*, do grande quadro *Guerra*. São motivos que sempre existirão para mim, como parte integral do meu ser artístico e humano. (SEGALL, 1944, p. 43).

Na esteira da polêmica do ano anterior, o número reforça a importância da obra de Segall e a representação das consequências funestas do antissemitismo. Assim, as obras formam uma narrativa da tragédia humanitária sofrida pelo povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial: as máscaras que caem e expressam um mundo em desagregação; o confinamento nos guetos e as famílias dilaceradas; os campos de batalha e os massacres brutais; a tentativa de fuga nos navios lotados e de destino incerto. Os quadros são acompanhados de análises que destacam a genialidade de Segall que consegue captar o absurdo e a violência da guerra. A melancolia dos personagens que, em meio ao caos, evoca os temas épicos da diáspora e do exílio do povo judeu que encontraram, nas páginas da RA, um espaço especial de reflexão e denúncia.

REFERÊNCIAS

ACERVO MURILO MIRANDA. Sigla: MMi. Procedência: doado por Yedda Braga Miranda. Instrumento de pesquisa: não possui. Estágio de tratamento: não organizado. Dimensão: 2,18 m. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

ALCEU MARINHO REGO. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1955. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/42850. Acesso em: 27 fev. 2023.

BUCHENWALD. *Holocaust Encyclopedia*. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: < <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/buchenwald>>. Acesso em: 07 set. 2023.

CAIRES, Daniel Rincon. A estética nacionalista de Carlos Maul. In: Encontro Estadual da ANPUH/SP, n. 25, História e Democracia, precisamos falar sobre isso, 2018, Guarulhos-SP. *Anais*. Guarulhos: UNIFESP, 2018, pp. 1-17. Disponível em: <https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1530363519_ARQUIVO_AesteticanacionalistadeCarlosMaul-r.pdf>.

CÂMARA, André Luís Pires Leal. Em torno da Taberna da Glória. In: _____. *Na encruzilhada da Lopes Chaves: encontros e descaminhos em Mário de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5196/5196_7.PDF>. Acesso em: 21 jun. 2022.

DACHAU. *Holocaust Encyclopedia*. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/dachau>>. Acesso em: 07 set. 2023.

FERNÁNDEZ, Tomás; TAMARO, Elena. Biografia de Arnold Zweig. In: *Biografías y Vidas*. La enciclopedia biográfica en línea [Internet]. Barcelona, España, 2004. Disponível em: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/z/zweig_arnold.htm. Acesso: 29 jun. de 2023.

MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 2, outubro/1933.

MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 3, novembro-dezembro/1933.

MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 16, janeiro/1936,

MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 35, maio/1938.

MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 36, junho/1938.

MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 37, julho/1938.

MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 40, outubro/1938.

MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 41, dezembro/1938.

MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 63, maio/1943.

MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 64, junho/1944.

MIRANDA, Yeda Braga. Lembranças. In: ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade*. Cartas a Murilo Miranda (1934-1945). Org. Yedda Braga Miranda. Notas Raúl Antelo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 5-6.

RIBEIRO, Laura Maria de Abreu Daniel. *Revista Acadêmica (1933-1948) e Arte Moderna Brasileira nas Décadas de 1930-1940*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

VELASQUES, Muza Clara Chavez. Homens de letras no Rio de Janeiro nos anos 30 e 40. Tese (Doutora em História Social) — Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/6.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2022.